

CRIMINALIDADE VIOLENTA E FRAGMENTAÇÃO URBANA NA GRANDE VITÓRIA*

Cláudio Zanotelli

Professor doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo

Eugenia Célia Raizer

Professora doutora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo

Pablo Silva Lira

Estudante do curso de Geografia da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo – Bolsista PIBIC

Eldon Gramlich Oliveira

Estudante do curso de Geografia da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo – Bolsista PIBIC

Ana Maria Leite de Barros

Estudante do curso de Geografia da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

INTRODUÇÃO

Esse texto se inscreve no projeto mais amplo *O Atlas da violência na Grande Vitória* que se iniciou há três anos. Ele busca identificar, de maneira provisória, as afinidades eletivas entre os homicídios e a fragmentação/segregação urbana. Tentaremos demonstrar por meio dos dados cartografados dos homicídios por bairros que há uma inscrição espacial diferenciada do fenômeno. O estudo se baseia em dados colhidos pelos boletins de ocorrência da Polícia Militar (PM) no ano de 2000 para os municípios de Vitória, Serra, Vila Velha, Cariacica e Viana (Aglomerado de Vitória¹) e nos dados da população do Censo do IBGE de 2000.

Pretendemos indicar algumas pistas preliminares que deverão ser confrontadas mais tarde ao resultado do aprofundamento dos estudos. Nas próximas etapas da pesquisa iremos correlacionar os dados da criminalidade grave com os dados sócio-econômicos, bem como realizar pesquisas qualitativas em certo conjunto de bairros onde a criminalidade violenta é significativa.

Esse é um artigo de etapa no contexto da pesquisa citada, portanto constitui um resultado parcial e provisório que levanta mais questões do que certezas e está sujei-

to à modificação e correção de trajetória.

INTERROGAÇÕES METODOLÓGICAS

Explicitados os propósitos iniciais gostaríamos de tecer algumas considerações preliminares quanto aos dados coletados e seu tratamento. Colhidos por bairros os dados podem apresentar algum tipo de distorção na origem, pois os boletins de ocorrência sobre os quais eles se baseiam podem ter sido preenchidos em algumas ocasiões de forma errada. A “notificação incompleta” (Cano, 2001) é um dos problemas enfrentados pela nossa pesquisa. A falta de informações dos órgãos administrativos² é uma das características da notificação incompleta que também pode ser observada nos dados do CPOM - Comando de Policiamento Ostensivo Metropolitano da Polícia Militar, no qual alguns bairros não apresentam informações dos tipos de criminalidade violenta. Além disso, existe a diferenciação da nomenclatura dos bairros. Ora os habitantes dão uma determinada apelação e em outras ocasiões as prefeituras e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) elegem nomes díspares para os mesmos bairros. Questões como essas poderiam ser

*Esse texto é uma versão expandida do trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado em Goiânia entre os dias 18 e 23 de julho de 2004

¹A Região Metropolitana de Vitória é constituída de 7 municípios (Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória), nosso estudo se limita aos cinco municípios citados em função dos dados disponíveis sobre a violência por bairro organizados por nós a partir de informações da Polícia Militar.

²Vale ressaltar, que por apresentar problemas nas fontes dos dados, municípios como Cariacica e Viana apresentam um considerável número de notificação incompleta. Assim, a representação da falta de dados, nesse e nos outros municípios, é feita, em nossa cartografia, como a classe de legenda “sem informação”.

resolvidas por uma lei de bairros votada pela municipalidade e uma harmonização entre o que é estabelecido pelo IBGE e as prefeituras. Dois municípios se encontram mais ou menos bem organizados a esse propósito (Vitória e Serra). Mas mesmo com esse aspecto resolvido os policiais muitas vezes designam uma ocorrência em determinado local que não é computado como um bairro, daí a necessidade de adaptações permanentes. Para tal problema elaboramos uma metodologia de adaptação das informações colhidas pela PM para os bairros da aglomeração urbana de Vitória, estabelecendo uma base comum dos bairros entre nossa base digital e as informações da Polícia Militar. Em fim, as informações dizem respeito às ocorrências e não ao número de homicídios por ocorrência, se houve mais de um homicídio em uma ocorrência ele somente será computado como uma ocorrência, o que apresenta distorções significativas em relação ao número de homicídios.

Devemos alertar, em tempo, para o fato de que muitos desses homicídios podem ocorrer nos bairros, mas serem, em parte pelo menos, função de homicídios de pessoas não residentes e cometidos também por não residentes. Alguns lugares, notadamente na Serra, sobretudo a rodovia que liga Laranjeiras à Jacaraípe e a rodovia que liga Carapina à Carapebus, e em Vila Velha na região da Barra do Jucú e Terra Vermelha nos abordos da Rodovia do Sol, bem como a Estrada do Contorno, são bastante ermos e lugares de desembarço freqüente dos corpos das vítimas dos homicídios de grupos de extermínio ou de assaltos. Nós trabalhamos com os lugares onde ocorreram os homicídios e não com o lugar de residência das vítimas o que pode contribuir para uma distorção dos dados.

Quando iniciamos o tratamento das informações sócio-econômicas tivemos que adaptar os Microdados dos Setores Censitários urbanos do IBGE aos bairros em questão, o que nos demandou muito tempo principalmente nos municípios onde os dados censitários englobavam mais de um bairro (Cariacica, Viana e Vila Velha). Fomos, assim, obrigados nesses municípios a definir uma regra de repartição dos dados em função da proporção da

área dos bairros no setor censitário. Isso pode levantar várias interrogações metodológicas e práticas a propósito das taxas que serão produto da relação homicídios/população, no entanto toda adaptação de dados pressupõe certas imprecisões. Devemos, portanto, levar em consideração os resultados muito mais pela ordem de grandeza que eles trazem do que pela representação de uma verdade indiscutível e irrefutável. Nosso propósito foi de buscar medir o fenômeno mesmo com todas as imperfeições possíveis, tentando corrigi-las com outras fontes e observações, pois do contrário deixaríamos o campo livre para toda sorte de fantasmas e delírios sobre os números dos homicídios.

Em efeito, buscar desmistificar os números não significa necessariamente abandonar qualquer tentativa de organizá-los, pois assim abdicaríamos de uma medida global qualquer do fenômeno no período estudado.

O que apresentamos aqui é uma perspectiva, dentre muitas outras, sobre a questão da criminalidade e de sua espacialização.

Chamamos atenção para o fato de que nosso propósito não é o de contribuir de maneira voluntária ou involuntária, consciente ou inconsciente, explícita ou implicitamente, para estigmatizar certo conjunto de bairros onde se identificaria uma relativa concentração em um determinado período de tempo dos homicídios. De fato nosso objetivo é exatamente o contrário, pela construção mesma do objeto de pesquisa e pelas interrogações que surgem ao longo do trabalho de campo e da análise (precariedade dos dados, desorganização dos mesmos, filtros diversos aplicados aos números que são colhidos de certa maneira e supõem na sua própria construção uma determinada visão do real) estamos elaborando conhecimento sobre a realidade desses números e explicitando-as, nos colocando numa espécie de inserção contraditória na produção provisória da verdade (de certa maneira nos erguendo contra nós mesmos e corrigindo as trajetórias a medida que constatamos os erros e deficiências de nossa *démarche* inicial).

A explicitação dos limites dos dados e da sua validade relativa já é admitir a necessidade de construí-los e organizá-los de

outra maneira (isso foi em parte sanado a partir de 2004 onde a partir de um organismo da Secretaria de Segurança Pública, o Centro Integrado de Operacional de Defesa Social - CIODES se racionalizou mais a coleta de dados, mas isso não nos impede de colocar questões sobre a própria produção dos dados pela ação da polícia que privilegia certos eventos e certas regiões mais que outras na sua ação e conseqüente preenchimento de boletins), bem como de se apontar para outras análises que busquem pesquisas qualitativas sobre o fenômeno.

Pode se argüir que a imprensa amparando-se do tema e dos dados poderá dar uma outra leitura e outra significação aos mesmos, tirando-os do contexto. Tal não é o nosso propósito e esse debate demandaria um outro artigo e outras pesquisas sobre o papel da imprensa nos medos produzidos coletivamente e difundidos sem nenhum controle.

Por fim o texto, como já dito, é mais um produto descritivo de uma fase da pesquisa que algo conclusivo e analiticamente acabado. Outros artigos e publicações futuras já em preparação darão uma perspectiva de conjunto permitindo uma leitura crítica da pesquisa e da produção dos dados. Mas ele indica mesmo na sua fragilidade que os espaços onde há uma concentração dos homicídios não deveriam releva da produção do medo ou da invocação da repressão, mas antes como desdobramento último de um sistema e de lógicas sociais que fazem eclodir em certos lugares um processo que tem sua explicação em uma relação estrutural de desigualdades e de dominação, reproduzindo as condições materiais, objetivas e subjetivas que os localiza em um lugar do espaço social e geográfico.

Os sujeitos são relativamente determinados por uma estrutura e por aspectos subjetivos: o *habitus* (espaço social de disposições adquiridas e interiorizadas e exteriorizadas) que os labora; mas esta determinação é relativamente aberta pelas adaptações e ajustamentos diversos que os sujeitos realizam na prática entre as estruturas objetivas e as estruturas interiorizadas. Ou seja, há resistências diversas que se inscrevem entre de um lado, a estrutura de dominação que reproduz as dessi-

metrias entre classes sociais e as chances desiguais face ao acúmulo do capital econômico e cultural, e, portanto, as maiores disposições, sob certas condições, de se ter uma desigualdade entre a vida e a morte (os que morrem são em geral os jovens, negros, que moram em certos conjuntos de bairros periféricos³). E, de outro lado, as formas de classificação, avaliação e percepção do mundo onde os *assujeitados* reproduzem parcial ou totalmente as formas de classificação e percepção adquiridas ao longo da convivência social e internalizam a imagem que os dominantes se fazem deles.

Antes de contribuir para reforçar as visões *estigmatizantes* e deterministas dos homicídios a análise busca dar elementos para permitir aos sujeitos a apropriação de uma verdade outra que pode contribuir para questionar as “verdades” dominantes. Essas últimas são fundadas sobre uma percepção cientista e impressionista do mundo e servem à causa da reprodução do estado de coisas atual, das classificações sociais e do lugar de cada um no espaço social e geográfico.

OS MÉTODOS DAS TAXAS BRUTAS E TAXAS CORRIGIDAS

Para realizar uma primeira análise dos dados reportando-os à população construímos as taxas brutas e as taxas corrigidas dos homicídios por bairros da Aglomeração.

Comumente os dados referentes à criminalidade são analisados através de taxas (obtidas pela razão entre o número anual de ocorrências do fenômeno e a população de uma dada unidade geográfica) que são expressas tendo como base grupos de 100.000 ou 1.000 habitantes. São chamadas de taxas brutas. A população total dos municípios da Grande Vitória foi obtida através da somatória de setores censitários do IBGE, que contabilizam apenas as áreas consideradas urbanas, sobrepostos aos limites de bairros.⁴

Quando as populações são pequenas, como no caso de alguns bairros, um fato

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

³ Em 2002 no Espírito Santo os homicídios foram a causa de mais da metade das mortes dos jovens entre 15 e 24 anos. Os jovens negros tinham uma taxa de 97 homicídios por cem mil habitantes e os jovens brancos de 29,5 por cem mil habitantes. Assim, sobre 439 vítimas, 352 eram negras. Cf. *Waiselfisz, Mapa da violência IV. Os jovens do Brasil. Brasília: Unesco, 2004, p.44*

⁴ Não foram levados em consideração, por falta de informações da PM e de denominações explícitas nos setores censitários do IBGE, os aglomerados rurais inscritos no que o IBGE chama de Extensões Urbanas e que fazem parte das zonas de expansão urbana dos municípios considerados – alguns contando com habitat sub-integrado, ou “sub-normal” segundo a designação do IBGE. O trabalho de campo deverá permitir a correção desse aspecto com a identificação desses espaços.

bem conhecido é a grande variabilidade das taxas assim calculadas, bastando que pequenas mudanças no número de ocorrências (uma ou duas) acarretem grandes alterações no valor da taxa. Assunção et al. (1998) ilustram bem este problema. Uma pequena mudança no número de ocorrências pode ser puramente aleatória, não estando diretamente vinculada à situação real do espaço geográfico e, assim, a taxa não reflete apropriadamente o fenômeno que se estuda. Procurando contornar a instabilidade de taxas calculadas sobre unidades de pequena população, encontramos na literatura de Estatística Bayesiana várias propostas de cálculo de taxas corrigidas. Na estimativa da taxa de uma dada unidade geográfica, os métodos bayesianos utilizam os dados das unidades vizinhas de modo a reduzir a variabilidade da taxa bruta. Neste trabalho adotamos a proposta de Marshall (1991), expressa por: Taxa Corrigida (TC) = peso × taxa bruta + (1-peso) × taxa bruta da Grande Vitória, sendo que o peso é um valor entre 0 e 1 e é calculado para cada bairro. Quando a população do bairro for relativamente grande, o valor do peso é próximo a 1, de modo que a taxa bruta é pouco afetada pela correção. Ressaltamos que uma taxa bruta igual a 0 pode se transformar em uma taxa corrigida maior do que 0.

As taxas são calculadas como uma média ponderada entre a taxa bruta do bairro e a taxa bruta de toda a Grande Vitória (GV). Além dos problemas especificados anteriormente, é necessário também assinalar a possibilidade de que os dados de determinados bairros possam estar sobreestimados ou subestimados nas informações da PM⁵. Em função da proximidade de um bairro determinado de uma zona onde se cometem comumente muitos homicídios e que acaba tendo computado nele os dados de homicídios dessa referida zona. Mas o inverso é também possível, pois bairros podem ter creditado a eles, pelo fato de se ter ali um número importante de homicídios, eventos ocorridos em bairros vizinhos. Assim, o fenômeno da migração dos homicídios entre bairros próximos faz com que uma análise puramente estática do fenômeno não seja a melhor maneira de localizar os eventos. Daí os limites de uma análise em

termos de taxas brutas (homicídios por 1.000 habitantes), além do que os lugares que têm uma pequena população e um número também pequeno de homicídios podem ter uma taxa muito elevada provocando uma distorção nas análises. Por isso mesmo foram elaboradas taxas corrigidas. Há, dessa forma, a possibilidade de identificar os pólos dos homicídios que se sobressaem no conjunto dos bairros dos municípios.

AS DIFERENTES FONTES DOS DADOS DOS HOMICÍDIOS

No geral os dados para a Aglomeração de Vitória seguem a mesma tendência quando os comparamos com os dados fornecidos para os homicídios por outras fontes, como os jornais A Gazeta e A Tribuna (Banco de Dados sobre a Violência, Movimento Nacional dos Direitos Humanos – BDV/MNDH⁶), conforme ilustra a Figura 1 (nessa figura o município de Viana não foi considerado por não haver dados disponíveis do MNDH para todo o período). Mas a diferença entre uma e outra fonte é considerável ao longo do período, atingindo um máximo em 1998, ano em que o MNDH registrou um número de homicídios superior em 23,8% aos dados da PM (218 a mais). Em 2001 as duas fontes convergiram, sendo que a diferença se situou em 50 homicídios a mais computados pelo Banco de Dados do MNDH, ou seja, 6,1% a mais que os dados da PM.

A propósito dos dados da Polícia Militar é bom reafirmar, conforme já explicitado, que são registrados os eventos (ocorrências) em que houve homicídio e em um mesmo evento podemos ter mais de uma vítima de homicídio. Além disso, há uma subnotificação conhecida nas ocorrências da Polícia Militar, pelo fato de que uma ocorrência constatada de lesão corporal pode posteriormente transformar-se em homicídio, de outro lado a PM não possui a incumbência legal do registro criminal, o que leva em muitos casos ao registro do homicídio diretamente pelo Departamento Médico Legal da Polícia Civil, a quem cabe centralizar esse tipo de registro. Quanto aos jornais noticiam em princípio todos os homicídios tornados públicos.

⁵Um exemplo disso é o caso do bairro Novo Horizonte (Serra), onde constatamos para alguns anos do período 1993-2001 a duplicação dos dados de homicídio. Estes foram multiplicados pelos serviços da PM de maneira involuntária, o que nos remeteu a necessidade de verificação e correção das tabelas, gráficos e mapas.

⁶Esse Banco está atualmente sob a responsabilidade do NEVI - Núcleo de Estudos da Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos da UFES - por meio de um convênio estabelecido com o Movimento Nacional dos Direitos Humanos. CF. REVISTA A CIDADÃ, nº 1, 2004

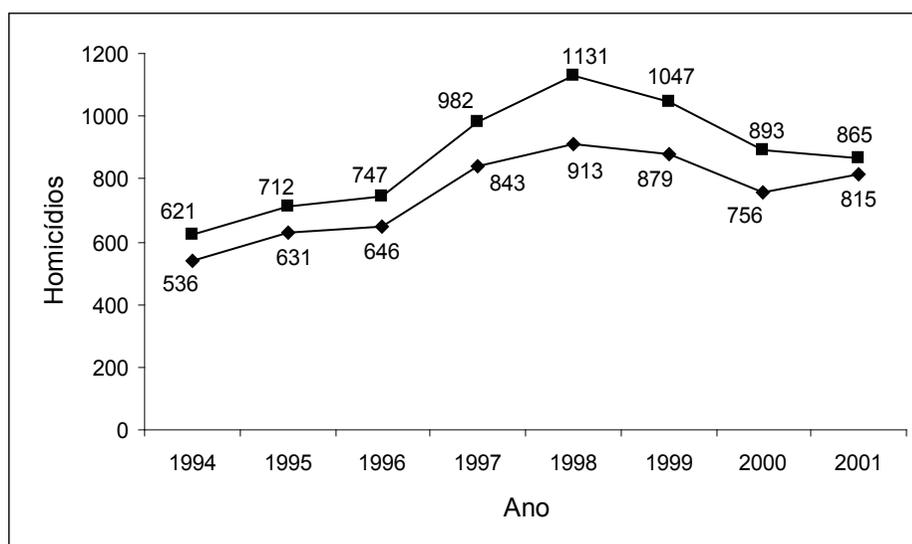


Figura 1 – Homicídios em Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória de acordo com a PM (◆) e o BDV/MNDH (■), 1994-2001

Assim, como não temos os homicídios identificados por bairro para os dados do BDV/MNDH por causa do tipo de informação e de deficiências do Banco de Dados, bem como, por enquanto, os dados do SIM-DATASUS⁷ não estão ainda disponíveis por bairros da Aglomeração de Vitória, nos centramos nos dados PM, conforme o que já foi dito.

ESPAÇO DO CRIME OU VIOLÊNCIA SOCIAL

O espaço geográfico é um produto social, como diz Lefèbvre (2000). O conceito de espaço religa o mental e o cultural, o social e o histórico, reconstituindo um *processus* complexo: **descoberta** (de espaços novos, desconhecidos, os continentes ou o cosmos) – **produção** (da organização social própria a cada sociedade) – **criação** (de obras: a paisagem, a cidade com a sua *monumentalidade* e o seu cenário). Isso evolutivamente, geneticamente (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da simultaneidade, pois, todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição dentro da inteligência e sobre o ajuntamento material de elementos donde se produz a simultaneidade. Desse modo, analisar o espaço do poder é associá-lo ao espaço do saber e, evidentemente, ao espaço social.

Os espaços chamados “segregados” na realidade fazem parte do conjunto, da totali-

dade, do nosso mundo, portanto não são espaços de outro mundo ou espaços excluídos. A razão dualista deve ser substituída pela razão dialética da interpenetração dos contrários e do processo de contradição à obra nas sociedades e nos espaços. A abolição do outro para um espaço excluído é uma tentativa de ocultação da realidade da nossa sociedade, vontade de reafirmar a aquarela brasileira: país “cordial”. Os discursos jornalísticos na repetição eterna da violência buscam dar da violência – como disse Marilena Chauí – uma imagem unificada, querendo inventar um lugar da violência. De um lado estariam os grupos portadores de violência, e de outro lado, os grupos impotentes para combatê-la. Assim, se distingue o “eles” e o “nós”, os “civilizados” e os “bárbaros”.

Não se admite a estrutural e profunda violência que é aquela de classe.

A sociedade brasileira é marcada pelo predomínio do espaço privado sobre o espaço público. Há os espaços dos que mandam e os espaços dos que obedecem. Há a criminalização dos espaços, a inculcação nos dominados de que eles mesmos são “a violência”. No entanto, não é “o pobre” que é “o violento”, é a estrutura de dominação e exploração que engendra violência. A sociedade brasileira busca denegar o conflito de interesses, as diferenças de classes e, portanto, vê a contestação, normal em democracia, como ameaça à ordem: ordem ou caos! A culpabilidade dos

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

⁷Os dados do SIM-DATASUS por local de ocorrência da morte e de residência das vítimas por municípios do Espírito Santo serão explorados em pesquisa posterior. O que nos permitirá uma comparação ao longo do tempo e por municípios com os dados da PM e do Banco de Dados do MNDH/NEVI/UFES.

estratos dominantes entranhados no *habitus* (Bordieu, 1994) de classe, de gostos e de distinção social tenta, pela *espetacularização* da violência e pela busca de um *ethos* paradisíaco perdido, eliminar o conflito e impor um maniqueísmo político-social e espacial: classes laboriosas - classes perigosas.

Desse modo faz-se necessário estudar o fenômeno da segregação sócio-espacial e da correlativa criminalidade violenta com prudência e centrado no pressuposto de que a violência da frase urbana é estruturante da sociedade e que os fragmentos espaciais são religados material e simbolicamente por diversas redes. Em função do que descrevemos, buscamos conhecer a realidade dos homicídios e inscrevê-la em uma totalidade sem reificar um termo do processo como sendo “o processo” e demonstrando a totalidade do fato urbano e seu desdobramento como homicídio: os lugares são definidos socialmente e recebem os homicídios como consequência da posição que ocupam na hierarquia urbana e consequentemente social.

HOMICÍDIOS NA AGLOMERAÇÃO DE VITÓRIA

A Grande Vitória, que para o presente estudo compreende os municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana – ver figura 4 – em 2000 totalizava uma população de 1,33 milhão de habitantes, 43,2% da população total do estado do Espírito Santo. Somente quatro municípios da Grande Vitória – Vila Velha, Cariacica, Serra e Vitória - em 2002 detinham 74% dos homicídios do Espírito Santo (conforme o BDV/MNDH).

Na Figura 2, a progressão dos homicídios nos quatro municípios citados mostra uma evolução com algumas semelhanças, mas que não deixam de configurar comportamentos e evoluções próprios para cada município. Os municípios da Serra e de Vitória encontram-se em situações opostas. Na Serra ocorreu o maior número de homicídios em sete dos nove anos estudados, ao passo que em Vitória ocorre o menor número desde 1995. Cariacica e

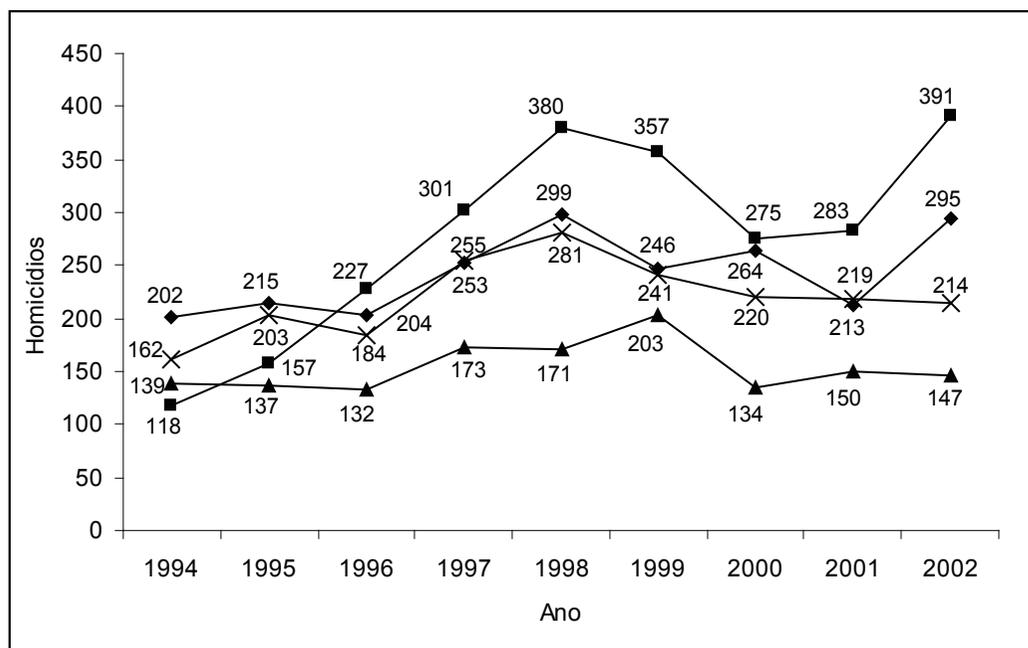


Figura 2 – Evolução dos homicídios em Cariacica (◆), Serra (■), Vila Velha (×) e Vitória (▲), 1994 a 2002 (BDV/MNDH).

Vila Velha apresentam semelhanças entre 1994 e 1999. Ao contrário dos outros três municípios, que tiveram valores elevados em 1998, Vitória passou por esse fato em 1999. Na Serra e em Cariacica, após declínio entre 1998 e 2001, no ano de 2002

as cifras se equiparam às quantidades elevadas de 1998. Os quatro municípios têm uma alta taxa de homicídios, situando-se entre as principais cidades brasileiras, conforme o Mapa da Violência III publicado a partir de dados do SIM/DATASUS do

Ministério da Saúde. A cidade de Vitória sempre se situou nos últimos anos entre as primeiras cidades do Brasil onde houve mais homicídios proporcionalmente a sua população (ocupou o segundo lugar em 1991 e em 2000).

Os municípios de Vitória e Serra se localizam respectivamente no centro-leste e ao norte da aglomeração urbana. Municípios importantes, o primeiro por ser a capital e concentrar a maior parte dos serviços

administrativos e uma parte considerável do comércio superior e as sedes das principais empresas do Espírito Santo, o segundo, Serra, por concentrar o principal pólo industrial do estado – o pólo de Tubarão. A expansão urbana do município da Serra e o crescimento de sua população foram fenomenais nos últimos 20 anos. O crescimento de Vitória, assim como o de Cariacica e de Vila Velha, foi muito menos espetacular que o da Serra (Figura 3).

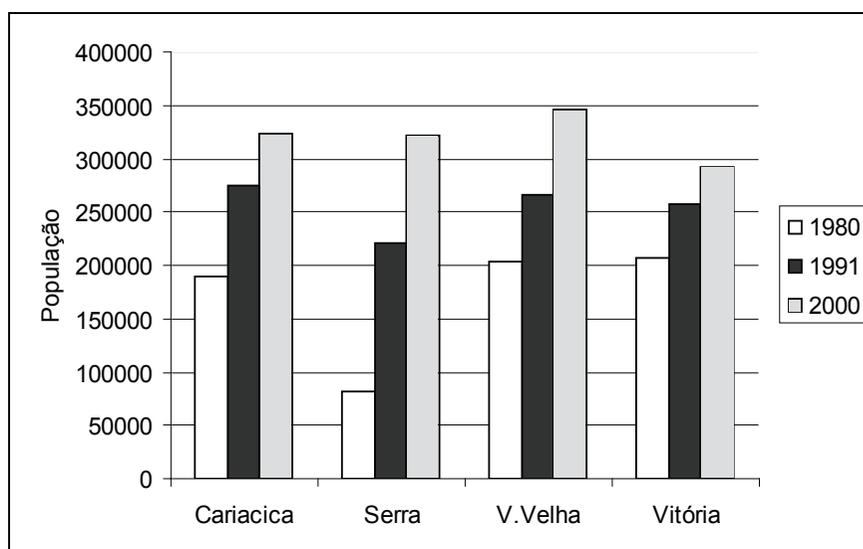


Figura 3 – Evolução da população em Cariacica, na Serra, em Vila Velha e Vitória – 1980/2000 (IBGE – Censos demográficos de 1980, 1991 e 2000).

Além de constatar a evolução da população nesses municípios - os principais da Região Metropolitana - não se pode inferir nenhuma particularidade específica para que as taxas de homicídios sejam maiores em um município do que nos outros. Existe, sim, um conjunto de fatores e de possíveis explicações associadas à situação sócio-econômica e à situação sócio-espacial de alguns bairros desses municípios, bem como a ausência dos serviços básicos e equipamentos do Estado. No entanto, essas explicações são ainda muito genéricas. Desse modo, para melhor entender o homicídio enquanto fato social pretende-se mapeá-lo, juntamente com os diversos outros tipos de criminalidade violenta, por bairro e colocá-los na perspectiva de eventos sócio-espaciais dos lugares da aglomeração. Etapa que será tratada em outra fase da pesquisa. Nesse texto exploraremos de maneira preliminar, apontando algumas possíveis explicações, na espera de estudos mais aprofundados, os

dados dos homicídios por bairro na Aglomeração de Vitória.

OS MAPAS DE TAXAS BRUTAS (TB) E TAXAS CORRIGIDAS (TC) DA GRANDE VITÓRIA

Teceremos adiante considerações baseadas em duas cartas de distribuição dos homicídios nos bairros da Grande Vitória: uma carta com as Taxas Brutas (Figura 5) e a outra com as Taxas Estimadas ou Corrigidas (Figura 6).

Em Vitória, com 112 homicídios no ano de 2000 (dados da Polícia Militar), podemos constatar que os bairros mais populosos e de habitat predominante das classes dominantes e médias não são aqueles que têm maior número de homicídios. O que se percebe é que em alguns bairros populares se concentra o maior número de homicídios. No entanto em uma im-

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

portante quantidade de bairros populares não houve homicídios em 2000. Em efeito, na metade dos bairros estudados (150 sobre 300 bairros), as taxas de homicídios eram inferiores à 0,5 homicídio por mil habitantes e na maior parte deles não houve homicídios em 2000. A maioria desses bairros é popular!

De fato mais de 2/3 dos bairros da Grande Vitória (218 bairros) podem ser classificados como bairros populares ou lugar de residência das classes dominadas onde a renda média dos responsáveis de domicílio é inferior a 3 salários mínimos.

Nos bairros das classes dominantes poucos ou nenhum homicídio é constatado. Assim, no centro da ilha de Vitória verifica-se que os bairros Fradinhos (habitat de privilegiados), Santa Cecília, Bairro de Lourdes e Jucutuquara (habitat de camadas médias) não tiveram homicídios. Isto é ainda mais flagrante quando se olha em direção a uma das áreas de habitat mais rico da ilha de Vitória (Praia do Canto, Barro Vermelho, Santa Lúcia, Enseada do Suá, Ilha do Boi e Ilha do Frade).

Quando analisamos a situação da parte continental nordeste do município de Vitória, constatamos que os homicídios seguem o padrão de uma boa parte dos bairros da ilha, inclusive nos bairros considerados de habitat de classes dominantes como Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Camburi que tiveram cada um entre um e dois homicídios. É evidente que as densidades populacionais desses bairros, que estão entre os mais populosos do município, vão permitir fazer uma leitura diferente, pois suas taxas brutas (homicídios por 1.000 habitantes) – conforme figura 5 - estarão posicionadas entre as menores da municipalidade. Jardim da Penha, por exemplo, tinha uma população em 2000 de 25.615 habitantes (8,7% da população de Vitória), portanto o bairro mais populoso do município contando com dois homicídios somente. Um fato a destacar no norte do município é o caso de Jabour, que com uma população de apenas 1056 habitantes teve dois homicídios (1,89 por 1.000 habitantes) o que o colocou entre as quatro maiores taxas brutas do município.

As taxas corrigidas para o município de

Vitória – conforme figura 6 - manifestam uma diminuição das situações acentuadas em certos bairros, havendo uma distribuição mais equilibrada dos homicídios entre os bairros, formando verdadeiros conjuntos que vão do leste da ilha em direção do seu centro, mas que continuam sendo barradas ao meio pelo conjunto dos bairros do entorno de Bairro da Penha e São Benedito e pelos morros no entorno do Centro (Forte de São João, Morro do Moscoso) e, finalmente, por Santo Antônio e São Pedro no Oeste da ilha. Esses pólos se distinguem claramente no conjunto dos bairros do município.

Conforme o IBGE (2000) a Serra tem uma população (321.181) superior aquela de Vitória (292.304) e uma área bem maior do que a desse município, uma boa parte dela é constituída de espaços rurais. A Serra é um município de expansão mais recente e onde ocorreu uma boa parte dos conjuntos habitacionais construídos na Região Metropolitana de Vitória nos últimos 25 anos.

O número de homicídios na Serra (253 segundo a PM e 275 segundo o BDV/MNDH) foi bem superior ao de Vitória (112 segundo a PM e 134 segundo o BDV/MNDH) em 2000. Constatamos aqui, além da diferença entre os municípios, as diferenças já anunciadas entre as duas fontes.

O bairro Novo Horizonte se destacou com um número de 17 homicídios, com 9.907 habitantes. Esse bairro apesar de um número elevado de homicídios – terceiro maior do município – é responsável pela quinta maior taxa bruta de homicídio do município (1,71 por 1.000 habitantes). Castelândia com apenas 555 habitantes e quatro homicídios foi na realidade o bairro com maior taxa bruta (7,20 por 1.000 habitantes). Campinho da Serra teve seis homicídios, mas como tem uma população de 2.207 habitantes, a taxa bruta foi bastante elevada e Central Carapina com uma população de 5.630 habitantes, teve 16 homicídios e uma taxa bruta de 2,84 homicídios por mil habitantes.

Bairros como Planalto Serrano (14.498 habitantes e 19 homicídios), Vila Nova de Colares (13.925 habitantes e 18 homicídios) e Feu Rosa (17.827 habitantes e 12

homicídios), têm um número elevado de homicídios, no entanto como têm uma população importante as taxas brutas são minoradas: 1,31, 1,29 e 0,72, respectivamente.

Quando analisamos a carta das taxas corrigidas (figura 6) por bairro podemos constatar, como para Vitória, uma maior equiparação entre conjuntos de bairros e uma minoração nas taxas, mas com pólos bem desenhados no entorno de Novo Horizonte e do conjunto de Central Carapina, bem como do pólo Vila Nova de Colares - Feu Rosa - Castelândia e do pólo Planalto Serrano - Campinho da Serra e Serra Sede.

Os bairros de moradia de classes dominantes, como Manguinhos (1.259 habitantes e três homicídios) são mais visíveis nos cálculos da taxa bruta, pois tem uma pequena população e um número significativo de homicídios.

De fato, bairros como Manguinhos, a zona das praias à exceção de Jacaraípe e Nova Almeida não sofrem tanto com o fenômeno dos homicídios, assim como Parque Residencial Laranjeiras com dois homicídios - bairro de habitat das camadas médias - e Eurico Salles, Hélio Ferraz e Bairro de Fátima, próximos de Vitória, lugares de habitação das classes médias que não tem nenhum homicídio ou um homicídio no máximo, apesar do fato que a população destes três bairros ultrapasse 10 mil habitantes. Á exemplo de Vitória, mais uma vez aqui se confirma a diferenciação dos lugares dos homicídios.

O município de Vila Velha possui a maior população da Região Metropolitana da Grande Vitória (344.625 habitantes em 2000, segundo dados do IBGE). Caracterizado por antigas áreas de povoamento, a partir dos anos 70 teve um considerável aumento populacional. Esse rápido crescimento foi acompanhado pelo aparecimento de ocupações desordenadas com ausência de infra-estrutura e serviços urbanos. Algumas destas áreas tiveram sua origem em programas governamentais que não prosperaram, o que propiciou o surgimento de ocupações irregulares.

Esses espaços complexos e variados, no entanto, caracterizam-se como áreas segregadas.

Dentro dessa perspectiva, tem-se para o ano de 2000, 275 homicídios em Vila Velha, que se concentraram, sobretudo, em alguns pólos de bairros populares. Destacam-se três principais bairros com altos números de homicídios: Santa Rita (13), região de Terra Vermelha (37) e Glória (11). A região de Terra Vermelha considerada aqui é composta de 13 bairros com uma população de 31 mil habitantes.

O bairro Santa Rita, ao norte do município, iniciou sua ocupação ainda nos anos 70, com um pequeno adensamento em precárias condições habitacionais que se expandiu. Nos últimos anos este bairro passou por um processo de estruturação urbana, onde houve a substituição de muitas das habitações precárias por casas de alvenaria, situação que reflete também a realidade dos bairros vizinhos (como Primeiro de Maio e Ilha da Conceição). Santa Rita com o número de 13 homicídios e uma população de 4.443 hab. resultou em uma taxa bruta de 2,92 homicídios por 1.000 habitantes (conforme figura 5). O bairro Primeiro de Maio com 3953 hab, teve 5 homicídios e uma taxa bruta de 1,26 homicídios por 1000 hab. Porém observamos que Ilha da Conceição (3834 hab.), um bairro com características infra-estruturais e populacionais semelhantes à Santa Rita e Primeiro de Maio, apresenta apenas 2 homicídios, com uma taxa bruta de 0,52 homicídios por 1000 hab. Diante desta estrutura tem-se uma variação nos respectivos valores atribuídos às taxas corrigidas destes bairros, visto que, para Santa Rita, Primeiro de Maio e Ilha da Conceição, temos: 2,55; 1,13 e 0,55 homicídios por 1000 hab. Valores que representam uma ponderação das variações ocasionadas na taxa bruta.

Ainda na zona norte do município onde ocorreu à ocupação mais antiga, percebe-se no bairro Glória (10364 habitantes) um relevante número de homicídios (11), apresenta uma taxa bruta de 1,06 homicídios por 1000 habitantes. Lugar de moradia de parcelas das chamadas classes médias possui um importante pólo comercial. Um dos fatores que pode explicar o elevado número absoluto de homicídios é que a PM notifica as ocorrências da penitenciária e prisões existentes próximas ao bairro como se tivesse ocorrido nele.

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

Ao sul do município temos a região de Terra Vermelha (37 homicídios e 31 mil habitantes: Taxa Bruta de 1,19 por mil habitantes). Os problemas de infra-estrutura e serviços urbanos, bem como as ocupações desordenadas fazem parte do cotidiano de parte dos bairros daquela região. A criminalidade violenta aqui está associada, em parte, à existência de um lugar de “desova” de corpos promovida por grupos de extermínio e também associada à crimes de mando ligados ao controle da ocupação de lotes.

A Barra do Jucu (2.880 habitantes e 6 homicídios), localizada próxima à região da Grande Terra Vermelha, é um bairro de residências secundárias de parcela privilegiada dos habitantes da Região da Grande Vitória, tem uma taxa bruta elevada de 2,08 homicídios por 1000 habitantes e uma taxa corrigida de 1,62 homicídios por 1000 habitantes (figura 6). Assim, além do fato da população moradora não ser elevada, o que explica o alto índice da Taxa Bruta, há no bairro uma população flutuante bastante significativa pelo fato de ser uma praia que recebe muitas pessoas nos finais de semana e feriados o que possivelmente explica o número relativamente importante de homicídios.

Finalmente, bairros como Praia da Costa (21.419 hab.e 2 homicídios) e Itapuã (16.157 hab 3 homicídios), caracterizados como espaço das classes dominantes tiveram para o ano 2000, um baixo número de homicídios, apresentando, portanto, taxas brutas menores, respectivamente 0,09 e 0,18 homicídios por 1000 hab, em virtude da alta população.

As taxas corrigidas fazem sobressair distintamente duas concentrações de homicídios no município um ao norte (Santa Rita, Glória e outros bairros do entorno) e um ao sul com Terra Vermelha e Barra do Jucú.

Com 303.437 habitantes (IBGE, 2000) e 209 homicídios, o município de Cariacica insere-se na aglomeração da Grande Vitória com características comuns aos outros municípios da aglomeração. Assim em Cariacica parcela dos bairros populares localizados em zonas mais ou menos segregadas têm o maior número de homicídios.

A concentração das ocupações urbanas se dá a leste do município, próxima a linha de costa da Baía de Vitória e dos limites de Vila Velha onde se forma um contínuo urbano de bairros com alta densidade populacional.

Localizado em uma antiga área de manguezal, próximo ao rio Bubu, os bairros Flexal I e II (15 homicídios), segundo maior número de homicídios do município, apresentam uma população de 10.193 habitantes. Os bairros Nova Rosa da Penha (I e II) com 12.057 habitantes têm o maior número de homicídios (31).

A distribuição de ocorrências nessa região parece se espalhar em forma de uma mancha em direção ao sul do município. Os bairros Porto de Santana (9.940 habitantes), à sudeste de Flexal, e Porto Belo (6.519 habitantes), à noroeste de Flexal e à sudoeste de Nova Rosa da Penha, apresentam respectivamente, em 2000, 10 e 5 casos de homicídios.

Ao analisar as Taxas Brutas (TB) de Cariacica, a relação do número da população e homicídio resulta na formação de um aglomerado de lugares com altos índices de homicídios, Nova Rosa da Penha (TB: 2,57), Flexal (TB: 1,472), Porto de Santana (TB: 1,006), Porto Belo (TB: 0,767), Nova Canaã (TB:0,840), Vila Prudêncio (TB: 0,832) e Porto Novo (TB: 1,199). As taxas são diferenciadas, no entanto se encontram em um patamar relativamente elevado, sobretudo no que concernem os bairros de Nova Rosa da Penha e Flexal. O bairro Bubu apresentou uma alta taxa bruta de 7,692 devido ao número baixo de sua população (520 habitantes) e um número de homicídios proporcionalmente alto (4).

Em outra região do município, os bairros localizados nas abrangências de Campo Grande (TB: 0,590) apresentam taxas brutas que variam de 0 a 0,710. A importância que esse bairro representa para a trama urbana de Cariacica é percebida ao se analisar, em uma primeira avaliação, a formação de bairros ao sul e próximo de Campo Grande. Bairros que necessitam manter relações com este pólo de Cariacica, local onde se concentram os equipamentos e serviços urbanos e o centro do comércio: São Geraldo (TB: 0,661), São

Conrado (TB: 0,373), Vila Palestina (TB: 0,354), entre outros, são exemplos desses bairros.

Bairros como Dom Bosco (TB: 2,481), Vila Isabel (TB: 2,361), Nova Campo Grande (TB: 3,690) e Piranema (TB: 4,785) apresentam-se de maneira dispersa no arranjo sócio-espacial derivado da relação entre número de homicídios e população.

Ao analisar as Taxas Corrigidas (TC) por bairro de Cariacica, constata-se uma maior equalização entre os conjuntos de bairros, como observamos em outros municípios da aglomeração urbana de Vitória. Bairros como Nova Rosa da Penha (TC: 2,382), Bubu (TC: 2,649) e Retiro Saudoso (TC: 2,102) apresentam os maiores valores e se localizam em uma área de destaque a nordeste da ocupação urbana de Cariacica. Outros bairros como Piranema (TC: 2,483), Jardim Botânico (TC: 2,767) e São Francisco (TC: 2,184) estão dispostos de maneira dispersa no território de Cariacica, ou seja, não estão ligados à conjuntos de bairros com taxas elevadas.

Localizado próximo a Cariacica, o município de Viana, com 53.452 habitantes (IBGE, 2000) e 34 homicídios, insere-se com uma forte identidade de espaço rural na aglomeração da Grande Vitória.

O Centro de Viana com 3.273 habitantes e 6 homicídios, possui aspectos e características de uma cidade em zona rural, entretanto bairros como Marcílio de Noronha, 9.484 habitantes e 3 homicídios, e Canaã, 4.294 habitantes e 4 homicídios, apresentam-se com características de espaços urbanos periféricos. Provavelmente isto se deve pela proximidade desses dois bairros com os de Cariacica e por eles estarem localizados nas margens da Br-262 que atravessa o município no sentido leste-oeste numa zona de expansão da mancha urbana.

Ao longo da rodovia federal também se encontram os bairros: Industrial (3 homicídios), Universal (4 homicídios) e Ipanema (3 homicídios), que apresentam praticamente o mesmo comportamento em relação ao número de homicídios no ano de 2000. Dessa maneira, percebe-se um “alinhamento espacial” entre Marcílio de Noronha, Canaã, Industrial, Universal

e Ipanema, que possuem números de homicídios bem próximos. Quando tais números são relacionados com a população, na obtenção das taxas brutas, os bairros Universal (TB: 1,419 e TC: 1,173), Ipanema (TB: 1,329 e TC: 1,077) e Canaã (TB: 0,932 e TC: 0,864) se sobressaem em relação aos demais bairros. À exceção a esse quadro é Marcílio de Noronha que tem taxas baixas (TB:0,316 e TC:0,356) em função de sua importante população.

Bairros como Treze de Maio (277 habitantes; 2 homicídios; TB: 7,212 e TC: 1,793) e Morada de Vila Betânia (394 habitantes; 2 homicídios; TB: 5,083 e TC: 1,669) se destacam, no município, devido às altas taxas brutas do número de homicídios que são explicadas pela conjugação de um baixo número de habitantes com uma ocorrência significativa de homicídios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da descrição das taxas de homicídios na Aglomeração de Vitória no ano de 2000, podemos apontar algumas considerações preliminares.

A segregação sócio-espacial parece ser uma das explicações necessárias, mas não suficiente, dos crimes graves aparentes (sobre muitos crimes não se tem informação e as informações da policia são limitadas sobre aqueles que se fez um boletim de ocorrência), pois se os homicídios acontecem, sobretudo, em parte dos bairros populares, em um outro importante conjunto de bairros populares eles se encontram ausentes ou com baixos índices. Portanto, as condições socioeconômicas não são um determinante para os homicídios e nem devem consistir em uma “identidade” para os mesmos. E mesmo nos bairros populares onde os homicídios têm taxas significativas não se pode generalizar, segundo nossas observações, para todo o espaço dos bairros. Há lugares específicos em cada bairro ou conjunto de bairros onde em função de condições históricas e sociais precisas (lugar de desova, ponto de tráfico, violência policial e violência política localizada ou crimes interpessoais, etc.) acontecem os homicídios.

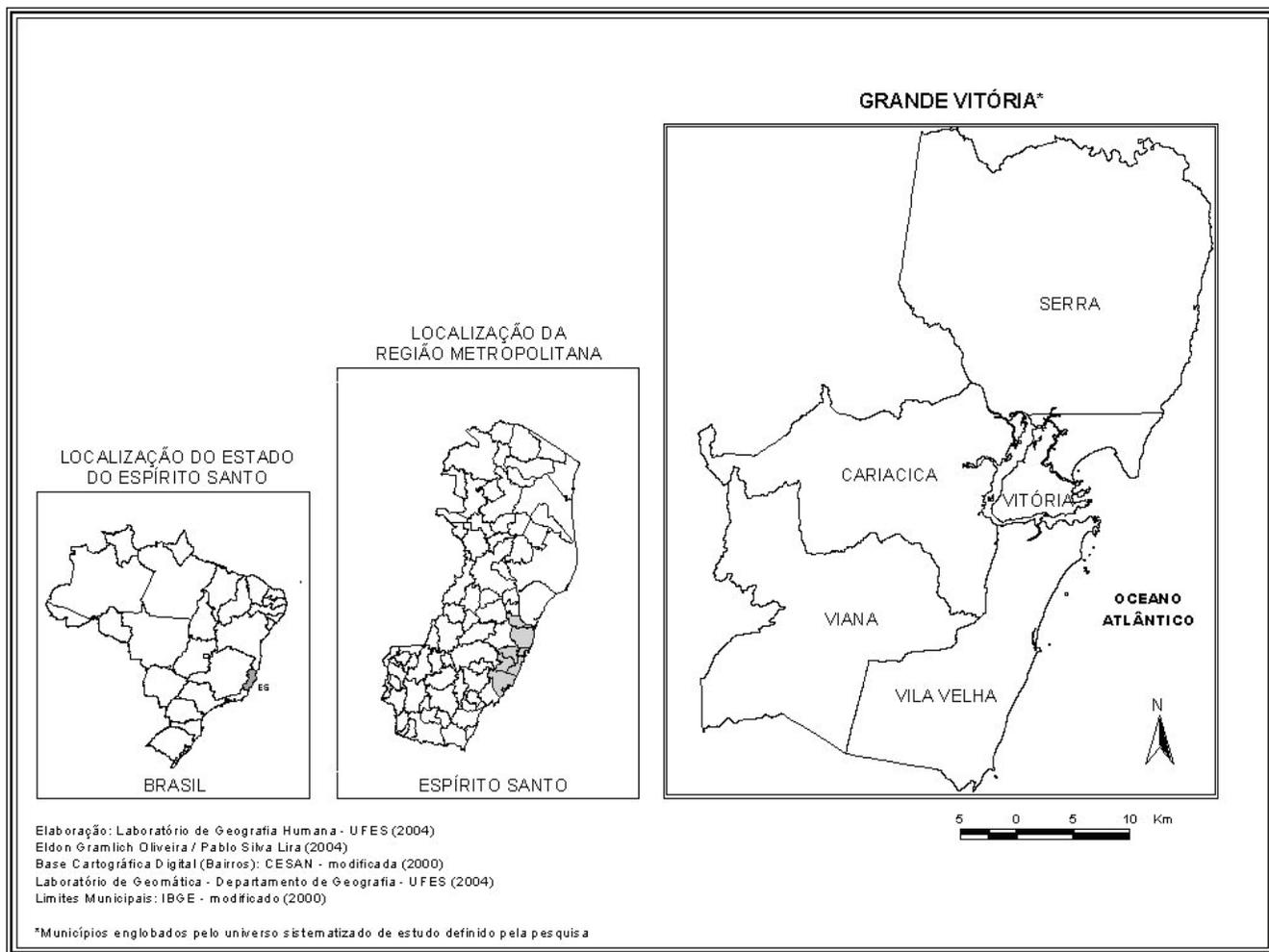
Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

Na realidade há uma concentração e uma seletividade em centros conhecidos de bairros populares dos homicídios (como por exemplo, Planalto Serrano, Flexal, Terra Vermelha, São Pedro e Vila Betânia). Assim, no período de 1993 a 2003 em 15 bairros ou conjuntos de bairros temos 26% dos homicídios e 21% das tentativas de homicídios ocorridos na aglomeração de Vitória. Eles somente representavam 10,7% da população em 2000 da Grande Vitória!

Mesmo que certas condições socioeconômicas possam ser explicativas e coincidirem em certos lugares com os homicídios, não é o sujeito considerado pobre que é o autor tipo do delito ou a pobreza ou o morador do bairro, mas alguns sujeitos (morando ou não nos bairros) - que conhecemos por enquanto somente de

maneira indireta e pelos comentários de testemunhas privilegiadas (presidentes de associações de moradores, comerciantes, habitantes antigos dos bairros, policiais) bem como pela imprensa - que cometem os crimes graves cotidianos.

Esses sujeitos agentes e também as vítimas da violência, no entanto, não são “monstros” ou pessoas de outro mundo, mas homens que se reproduzem e vivem ou não nos quarteirões populares. Querer desumanizá-los faz parte da prática de difusão do medo e da insegurança tão colocada em evidência por certos homens políticos e pela imprensa em geral, conhecê-los melhor - assim que suas histórias de vida e a vida cotidiana dos bairros - nos ajudará a melhor entender as condições de produção de parte da criminalidade grave e as estruturas que a reproduzem.



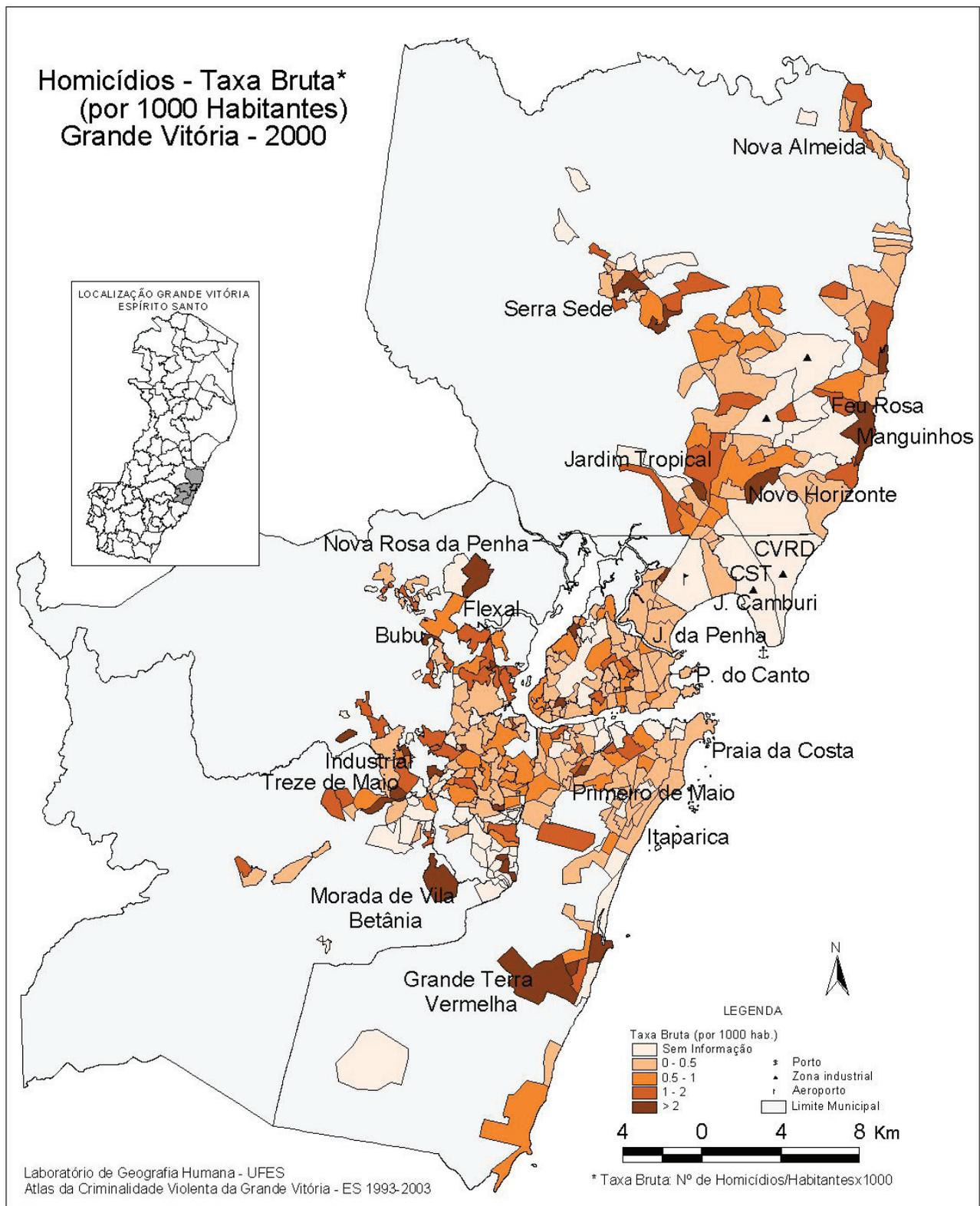


Figura 5

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, R. M.; BARRETO, S. M.; GUERRA, H. L.; SAKURAI, E. Mapas de taxas epidemiológicas : uma abordagem bayesiana. Cadernos de Saúde Pública, v. 14, p. 713-723, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Science de la science. Paris : Raisons d' agir, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Raison pratiques. Sur la théorie de l' action. Paris : Seuil, 1994.

CHAUI, Marilena. Ética, política e violência in CAMACHO, Thimóteo (org.). Ensaio sobre violência. Vitória: Edufes, 2003, p.39-59.

DEBORTOLI, Gustavo. Criminalidade violenta na Grande Vitória: principais tendências. Vitória, 2000. (mimeografado).

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. O anti-édipo – Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, Petrópolis, 1977

LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. Paris: Anthropos, 2000

MACHADO, Roberto. Deleuze e a filosofia. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MARSHALL, R.J. Mapping disease and mortality rates using empirical Bayes estimators. Applied Statistics, v. 40, p. 283-294, 1991.

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência III. Brasília: UNESCO, 2002.

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência IV. Brasília: UNESCO, 2004.

ZANOTELLI, Cláudio COUTINHO, Luiz Amadeu. Atlas da criminalidade violenta da Grande Vitória 1993-2002. Vitória: Proex, 2003, p.215-236.

ZANOTELLI, Cláudio. O espaço da violência na Grande Vitória: o caso dos homicídios In CAMACHO, Thimoteo (org.). Ensaio sobre violência. Vitória: Ed. Edufes, 2003.

RESUMO

Esse texto trata da análise e representação de índices dos homicídios nos bairros das municipalidades da Aglomeração de Vitória no Espírito Santo. Partimos do pressuposto que os índices dos homicídios são mais elevados em alguns bairros com certo grau de segregação sócio-espacial. Configura-se assim uma organização espacial dos homicídios fundada na desigualdade sócio-econômica e em certos aspectos estruturais e conjunturais dessas zonas urbanas.

Palavras-chave: Homicídios, violência urbana, segregação sócio-espacial

RESUMÉ

Ce texte analyse et représente les indices des homicides dans les quartiers des municipalités de l'Agglomération de Vitória – Espírito Santo, Brésil. Nous sommes partis de l'hypothèse, et croyons l'avoir démontré, que les indices des homicides sont plus élevés dans certains quartiers victimes d'une ségrégation socio-espatale. S'établi ainsi une organisation spatiale des homicides fondée sur l'inegalité socio-économique et certains aspects structurels et conjoncturels de ces zones urbaines.

Mots-clés: Homicides, violence urbaine, ségrégation socio-espatale

Cláudio Zanotelli
Eugenia Célia Raizer
Pablo Silva Lira
Eldon Gramlich Oliveira
Ana Maria Leite de Barros

